



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE - CCBS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
CURSO DE PSICOLOGIA**

WILLIAMS DANRLEY FERREIRA DA SILVA

**A PSICOLOGIA E O FENÔMENO DA ANGÚSTIA NA CONTEMPORANEIDADE:
CONSIDERAÇÕES À LUZ DA LOGOTERAPIA**

**CAMPINA GRANDE
2024**

WILLIAMS DANRLEY FERREIRA DA SILVA

**A PSICOLOGIA E O FENÔMENO DA ANGÚSTIA NA CONTEMPORANEIDADE:
CONSIDERAÇÕES À LUZ DA LOGOTERAPIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento do Curso de Bacharelado em Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Josevânia da Silva.

**CAMPINA GRANDE
2024**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586p Silva, Williams Danrley Ferreira da.
A psicologia e o fenômeno da angústia na contemporaneidade [manuscrito] : considerações à luz da logoterapia / Williams Danrley Ferreira da Silva. - 2024.
35 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2024.

"Orientação : Profa. Dra. Josevânia da Silva, Coordenação do Curso de Psicologia - CCBS. "

1. Angústia. 2. Sentido da vida. 3. Logoterapia. I. Título

21. ed. CDD 150

WILLIAMS DANRLEY FERREIRA DA SILVA

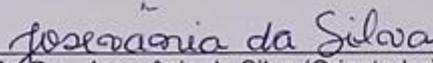
**A PSICOLOGIA E O FENÔMENO DA ANGÚSTIA NA CONTEMPORANEIDADE:
CONSIDERAÇÕES À LUZ DA LOGOTERAPIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento do Curso de Bacharelado em Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Psicologia.

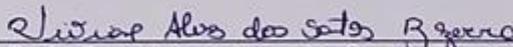
Área de concentração: Psicologia.

Aprovada em: 19/06/2024

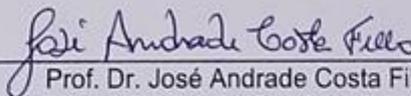
BANCA EXAMINADORA



Prof.ª Dra. Josevânia da Silva (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof.ª Dra. Viviane Alves dos Santos Bezerra
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. José Andrade Costa Filho
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Primeiramente ao Altíssimo que me permitiu e capacitou minha jornada até esse momento do Tcc, a pai e mãe; e aos familiares. A todos os professores que contribuíram com os ensinamentos; e obviamente e principalmente a minha orientadora que foi Josevania a ela só tenho a agradecer, pois o seu direcionamento foi de extrema importância, visto que a mesma se disponibilizou em me auxiliar com as diversas dúvidas e com as orientações necessárias para assim o trabalho seguir com um rumo preciso. DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Altíssimo por ter me dado à coragem necessária para continuar prosseguindo com o curso mesmo diante das diversas dificuldades. Fé foi o combustível necessário para não desistir. Agradeço a Miguel que me motivou com palavras, comentando comigo toda a metodologia que existe em um trabalho de Tcc, muito grato pela sua contribuição.

Agradeço a Pai e Mãe que me ajudaram desde o início dos meus trajetos com o curso, quero deixar nesse agradecimento todos os familiares (Tia Socorro e toda sua família). Agradeço ainda Professora Emily que ao ouvir minhas ideias de Tcc me direcionou para a orientadora Josevania; e foi justamente com Josevania que consegui ter o direcionamento de como começar com o Tcc, o seu otimismo foi essencial para dar início a todo esse trabalho.

Foi através de minha orientadora Josevania que consegui realmente alcançar o potencial necessário para escrever esse Tcc, me dedicando a pesquisas e leituras, a paciência dela me favoreceu muito com o progresso do meu ritmo de escrita. A ela só tenho a agradecer, principalmente pela atenção e paciência.

Agradeço também aos professores: Andrade, Pamela, Viviane, Juliana e também ao professor Delane; foi através dos aprendizados com ele que tive a ideia de buscar alguns filósofos para assim enriquecer o trabalho.

Por fim agradeço a todos os meus amigos, minha amiga Fernanda que compartilhou de momentos alegres comigo durante o curso. Devo ressaltar ainda o meu amigo Sueldo o mesmo teve conhecimento dos meus desafios para iniciar o tcc, e soube de toda a jornada que tive, desde a falta de ideias até o trajeto e conclusão. Para concluir; agradeço a João, o mesmo me auxiliou diversas vezes com questões do curso e a sua flexibilidade me fez perceber que através dos desafios podemos aprender lições importantes para a vida!

“O desespero mais comum é não escolhermos ou não podermos ser nós mesmos, mas a forma mais profunda de desespero é escolhermos ser outra pessoa ao invés de nós mesmos.”

Soren Kierkegaard

RESUMO

O fenômeno da angústia já foi abordado por diversas perspectivas teóricas, notadamente no contexto das guerras mundiais e das transformações sociais do século XX. As atrocidades e o sofrimento causados pelos conflitos globais geraram um profundo sentimento de desorientação e perda de sentido, levando muitos a questionarem os fundamentos da existência humana. É neste cenário que a logoterapia de Viktor Emil Frankl, de certo modo, emerge como uma resposta às questões existenciais da época devido ao contexto histórico marcado pelas atrocidades das Guerras Mundiais. Este estudo teve por objetivo discorrer, por meio de uma revisão bibliográfica narrativa, sobre o fenômeno da angústia na contemporaneidade à luz da Logoterapia. Tratou-se de um estudo exploratório e descritivo, fundamentado numa revisão bibliográfica do tipo narrativa, com abordagem qualitativa. A coleta de dados se deu por meio do acesso a materiais de referência disponíveis em bases de dados científicas relacionadas ao tema em estudo, incluindo artigos, livros e capítulos de livro. Em virtude de seu caráter de revisão narrativa, o estudo se propôs a abordar a temática através de uma série de tópicos temáticos, conforme os objetivos propostos. Dessa forma, foram abordados os seguintes eixos temáticos: 1) O início da psicologia como ciência moderna; 2) Logoterapia e o fenômeno da angústia e, 3) A angústia na sociedade contemporânea à luz da logoterapia. Compreende-se que angústia é uma condição intrínseca ao ser, mas sua manifestação está profundamente ligada ao contexto vivido. A desorganização que caracteriza a contemporaneidade frequentemente resulta em uma falta de acolhimento, exacerbando essa sensação de inquietude existencial. De certo modo, descrever a natureza fundamental dessa inquietude e compreender o mal-estar que permeia a sociedade ainda se apresenta como desafio significativo para a Psicologia. Assim, a Logoterapia lança luz sobre essas questões, tendo em vista auxiliar os sujeitos a reconhecer e lidar com a angústia existencial, compreendendo-a como parte integrante da condição humana e buscando encontrar sentido e propósito na vida, mesmo diante do sofrimento.

Palavras-Chave: angústia; sentido da vida; logoterapia.

ABSTRACT

The phenomenon of anguish has been addressed from various theoretical perspectives, notably in the context of the world wars and the social transformations of the 20th century. The atrocities and suffering caused by global conflicts generated a profound sense of disorientation and loss of meaning, leading many to question the foundations of human existence. It is in this context that Viktor Emil Frankl's logotherapy, in a way, emerges as a response to the existential questions of the time due to the historical context marked by the atrocities of the World Wars. This study aimed to discuss, through a narrative literature review, the phenomenon of anguish in contemporary times in light of Logotherapy. It was an exploratory and descriptive study, based on a narrative literature review, with a qualitative approach. Data collection was carried out through access to reference materials available in scientific databases related to the subject under study, including articles, books, and book chapters. Due to its narrative review character, the study proposed to address the theme through a series of thematic topics, according to the proposed objectives. Thus, the following thematic axes were addressed: 1) The beginning of psychology as a modern science; 2) Logotherapy and the phenomenon of anguish; and 3) Anguish in contemporary society in light of logotherapy. It is understood that anguish is an intrinsic condition of being, but its manifestation is deeply linked to the lived context. The disorganization that characterizes contemporaneity often results in a lack of welcoming, exacerbating this feeling of existential unrest. In a way, describing the fundamental nature of this unrest and understanding the malaise that permeates society still presents a significant challenge for Psychology. Thus, Logotherapy sheds light on these issues, aiming to help individuals recognize and deal with existential anguish, understanding it as an integral part of the human condition and seeking to find meaning and purpose in life, even in the face of suffering.

Keywords: anguish; meaning of life; logotherapy.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	09
2	O INÍCIO DA PSICOLOGIA COMO CIÊNCIA MODERNA	13
3	LOGOTERAPIA E O FENÔMENO DA ANGÚSTIA	19
3.1	Um breve resumo da biografia de Viktor Frank (1905-1997)	19
3.2	A Logoterapia e a busca por um sentido	20
3.3	O vazio existencial e sua relação com a angústia na Logoterapia ..	23
4	A ANGÚSTIA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA À LUZ DA LOGOTERAPIA	26
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
	REFERÊNCIAS	32

1 INTRODUÇÃO

O fenômeno da angústia tem sido objeto de estudo e reflexão ao longo da história, não só no contexto da psicologia, revelando-se como fenômeno da experiência humana universal, multifacetada e complexa (Callie, 2022). Desde os primórdios da filosofia, pensadores como Sócrates e Platão já abordavam a angústia em suas discussões sobre a natureza humana e a busca pelo conhecimento. No entanto, foi com o filósofo dinamarquês Kierkegaard, no século XIX, que a angústia começou a ser abordada com maior ênfase (Vieira; Feijoo; Protasio, 2024).

Kierkegaard tratou a angústia como um conceito central em sua filosofia existencialista, com destaque para a obra "O Conceito de Angústia" (1844), na qual apresentou uma análise sobre a natureza e o significado da angústia na existência humana, caracterizando-a como um estado psicológico que surge da consciência da liberdade e das possibilidades infinitas que se abrem diante do indivíduo (Vieira; Feijoo; Protasio, 2024). Diferentemente do medo, que tem um objeto específico, a angústia seria uma experiência mais difusa e indefinida, relacionada à própria condição humana e à necessidade de fazer escolhas e assumir responsabilidades. Considera-se que essa a perspectiva filosófica de Kierkegaard contribuiu para diversas abordagens psicológicas sobre o fenômeno (Feijoo, 2013).

No final do século XIX e início do século XX, a psicanálise, fundada por Sigmund Freud, trouxe uma nova dimensão ao estudo da angústia. Freud associou a angústia aos conflitos inconscientes e aos mecanismos de defesa do ego, propondo que ela surge como uma resposta a desejos reprimidos e a ameaças internas (Freud, 1996). Em suas obras, Freud diferenciou entre angústia realista, neurótica e moral, cada uma relacionada a diferentes aspectos da psique humana (Lombardi, 2011). A angústia neurótica, em particular, foi vista como um sintoma de conflitos internos não resolvidos, frequentemente ligados à infância e às experiências traumáticas (Freud, 1996). A abordagem freudiana influenciou a psicologia clínica e a compreensão da angústia como um fenômeno psicológico complexo (Lombardi, 2011).

A psicanálise teceu considerações sobre a angústia que iam de encontro à perspectiva existencial. Enquanto a psicanálise enfatiza a origem intrapsíquica da angústia, as abordagens existencialistas e humanistas a consideraram como uma condição inerente à existência humana. Filósofos e psicólogos como Martin

Heidegger, Jean-Paul Sartre, Viktor Frankl e Carl Rogers exploraram a angústia sob a ótica da existência e da busca de sentido.

Heidegger considerava a angústia como uma disposição afetiva fundamental (*Grundstimmung*) que revelava a estrutura ontológica da existência humana, o *Dasein* (Massarollo, 2020). O *Dasein* é um ser-para-a-morte, consciente de sua finitude e da inevitabilidade da morte. Essa consciência da mortalidade confere à existência humana um caráter de urgência e autenticidade, impulsionando o *Dasein* a assumir sua própria existência e a fazer escolhas autênticas (Heidegger, 2005). Ao confrontar a angústia, o *Dasein* é chamado a assumir sua própria existência de maneira autêntica e a criar sentido em um mundo sem sentido intrínseco (Massarollo, 2020).

Por sua vez, na Abordagem Centrada na Pessoa de Carl Rogers a angústia é compreendida como resultado da incongruência entre o self real (quem a pessoa realmente é) e o self ideal (quem a pessoa acredita que deveria ser) (Rogers, 1982). Ou seja, a angústia surge como uma resposta funcional quando há uma discrepância significativa entre o self e a experiência orgânica do indivíduo (Bezerra; Bezerra, 2012). Essa discrepância pode surgir devido à internalização de condições de valor impostas por outros, levando o indivíduo a buscar corresponder a essas expectativas externas em detrimento de sua autenticidade, o que contribui para uma certa alienação de si (Rogers, 1982).

Diferente a perspectiva rogeriana, na filosofia de Heidegger, a angústia é compreendida como uma disposição fundamental inerente à existência humana, um fenômeno que constitui a própria condição do ser. Essa perspectiva heideggeriana permite o desvelamento da existência, a saída da cotidianidade e uma apropriação autêntica de si mesmo (Bezerra; Bezerra, 2012). Para Bezerra e Bezerra (2012), essa concepção de angústia pode ser incorporada à teoria e ao método da Abordagem Centrada na Pessoa (ACP), sendo necessário que essa abordagem também se abra para o estranho e para a falta, reconhecendo-os como condições de possibilidade da existência humana.

Observa-se que o fenômeno da angústia foi abordado por diversas perspectivas teóricas, notadamente no contexto das guerras mundiais e das transformações sociais do século XX. As atrocidades e o sofrimento causados pelos conflitos globais geraram um profundo sentimento de desorientação e perda de sentido, levando muitos a questionarem os fundamentos da existência humana.

É neste cenário que a logoterapia de Viktor Emil Frankl, de certo modo, emerge como uma resposta às questões existenciais da época (Barros; Rodrigues, 2009). Numa tradução literal do termo, a Logoterapia seria uma terapia através de um sentido, ou ainda cura através do significado, ou seja, uma psicoterapia focada no sentido.

Frankl, como sobrevivente dos campos de concentração nazistas, observou o sofrimento extremo e a desumanização de grupos sociais (Barros; Rodrigues, 2009). Em sua obra seminal "Em Busca de Sentido" (1946), ele considera que a angústia poderia ser superada através da descoberta de um propósito maior, mesmo nas circunstâncias mais adversas, destacando a "vontade de sentido" como uma força motivadora essencial (Barros; Rodrigues, 2009). Essa perspectiva emerge numa época marcada pela desilusão e pelo questionamento dos valores humanos, oferecendo uma abordagem terapêutica que valorizava a capacidade humana de encontrar significado e propósito. A logoterapia, portanto, não só abordava as necessidades psicológicas individuais, mas também respondia a uma crise existencial coletiva, proporcionando uma nova forma de entender e enfrentar o sofrimento humano.

Sua teoria psicoterápica foi desenvolvida para responder às dificuldades de uma sociedade de massa angustiada pela crise de sentido, sem negligenciar os transtornos já reconhecidos pela psiquiatria e as lições dos pioneiros da psicoterapia (Carvalho; Silva, 2019, p.79)

Mediante o exposto, este estudo considerou as seguintes questões de pesquisa: como a Logoterapia emerge no contexto histórico da Psicologia como ciência moderna? Como o fenômeno da angústia é abordado pela Logoterapia e quais as suas possíveis contribuições para o entendimento deste fenômeno na contemporaneidade?

Tendo em vista responder as referidas questões, esta revisão narrativa considerou-se o seguinte **objetivo geral**: discorrer, por meio de uma revisão bibliográfica narrativa, sobre o fenômeno da angústia na contemporaneidade à luz da Logoterapia. Para tanto, o estudo foi pautado nos seguintes **Objetivos Específicos**:

- a) Caracterizar, brevemente, o desenvolvimento da Psicologia como ciência moderna, tendo em vista localizar a Logoterapia historicamente;

- b) Abordar a perspectiva da Logoterapia, destacando aspectos relativos à busca por sentido e o vazio existencial frente e sua relação com a angústia;
- c) Tecer apontamentos sobre o fenômeno da angústia na contemporaneidade à luz da logoterapia.

Este estudo adota uma metodologia exploratória e descritiva, fundamentada em uma revisão bibliográfica do tipo narrativa, com abordagem qualitativa. A coleta de dados se deu por meio do acesso a materiais de referência disponíveis em bases de dados científicas relacionadas ao tema em estudo, incluindo artigos, livros e capítulos de livro. Em virtude de seu caráter de revisão narrativa, o estudo se propôs a abordar a temática através de uma série de tópicos temáticos, conforme os objetivos propostos.

A estrutura da revisão narrativa foi delineada em seções específicas, conforme sugerido por Rother (2007), a saber: uma Introdução, que expõe a problemática investigada, a pergunta de pesquisa, os objetivos e a abordagem metodológica adotada; o Desenvolvimento (revisão teórica), dedicado à exploração dos tópicos temáticos em relação ao tema; Considerações Finais; e Referências. Dessa forma, na parte teórica da revisão, foram examinados temas específicos, tais como: 1) O início da psicologia como ciência moderna; 2) Logoterapia e o fenômeno da angústia e, 3) A angústia na sociedade contemporânea à luz da logoterapia.

2 O INÍCIO DA PSICOLOGIA COMO CIÊNCIA MODERNA

A Psicologia enquanto ciência moderna, que estudaria a psique (alma) emerge num contexto histórico de grandes transformações. Ao falar sobre o surgimento dessa disciplina, Figueiredo e Santi (1997) discorrem, inicialmente, sobre a relação entre subjetividade e modernidade, uma vez que este é relevante para a compreensão do sujeito contemporâneo. Segundo Figueiredo e Santi (1997), a subjetividade privada tem sido moldada ao longo dos últimos três séculos, acompanhando a transição do Renascimento para a modernidade e a constituição do sujeito moderno.

No século XVI, segundo Bock, Teixeira e Furtado (2019), com o declínio do mundo medieval e a abertura do Ocidente para o restante do mundo, a sociedade europeia se viu desamparada. Nesse período, o indivíduo fazia parte de uma ordem superior que lhe proporcionava amparo e segurança, ou seja, trata-se de um sujeito e uma subjetividade direcionada em razão do sagrada que conferia certa ordem e sentido para a realidade (Figueiredo; Santi, 1997). A perda dessa ordem trouxe consigo a liberdade e a possibilidade de uma abertura sem limites, mas também acarretou insegurança. O sujeito moderno, então, viu-se obrigado a escolher seus próprios caminhos e a arcar com as consequências de suas decisões (Figueiredo; Santi, 1997).

Neste mesmo período, surgiram tentativas de compreender as ações humanas, o que pode ser interpretado como um desejo de retorno à ordem medieval, na qual uma única ordem reinava (Bock, Teixeira; Furtado, 2019). Figueiredo e Santi (1997) destacam que os cétricos, nessa época, acreditavam ser impossível obter um conhecimento seguro sobre o mundo, uma vez que as impressões poderiam ser enganadas pelos próprios sentidos. Nesse contexto, o sujeito moderno foi alvo de críticas por parte de autores como Montaigne, Erasmo e Shakespeare, que questionavam a vaidade humana ao tentar simular atributos divinos (Figueiredo; Santi, 1997).

O processo de constituição do sujeito moderno e as questões relacionadas à subjetividade se intensificaram no final do século XIX. A transição do mundo medieval para a modernidade, iniciada no século XVI, trouxe consigo a constituição do sujeito moderno, marcado pela liberdade, pela insegurança e, ao mesmo tempo, pela necessidade de fazer escolhas e assumir responsabilidades. Esse processo foi

acompanhado por críticas e questionamentos acerca da natureza humana e da possibilidade de se obter conhecimento seguro sobre o mundo, culminando em uma crise no final do século XIX que marcou a passagem para a contemporaneidade.

A psicologia como ciência emerge neste contexto, no final do século XIX, embora suas origens filosóficas remontem à Grécia Antiga. Wilhelm Wundt (1832-1920) é reconhecido como o pioneiro na formulação de um projeto para estabelecer a psicologia como uma ciência independente. Segundo Figueiredo e Santi (2008), Wilhelm Maximilian Wundt concebia a psicologia como uma ciência intermediária entre as ciências da natureza e da cultura, ocupando uma posição singular. O objetivo principal da psicologia, para Wundt, era investigar a experiência dos sujeitos, sem se ater às diferenças individuais entre eles (Bock, Teixeira; Furtado, 2019).

No que se refere à sua biografia, Wundt, filho de um pastor protestante, concluiu o curso de medicina em Heidelberg e iniciou sua carreira profissional como assistente clínico em um hospital municipal. Em 1858, Wundt tornou-se assistente de Helmholtz em Heidelberg, permanecendo nessa posição por cinco anos. Durante esse período, desenvolveu seus primeiros estudos em psicologia e publicou seu primeiro livro, "Contribuições à Teoria da Percepção Sensorial", em 1862, que continha um ensaio introdutório propondo a reforma dos conceitos metodológicos na psicologia.

Antes de deixar Heidelberg, Wundt publicou outro livro, "Princípios da Psicologia Fisiológica", que se tornou um guia para os novos psicólogos da época, tendo sido reeditado seis vezes (Bock, Teixeira; Furtado, 2019). Entre as suas principais contribuições para a psicologia está a fundação do primeiro laboratório de psicologia experimental em Leipzig, Alemanha, em 1879, com o objetivo de estudar a estrutura da mente humana, o que ficou conhecido como **Estruturalismo** (Figueiredo; Santi, 2008).

O estruturalismo é considerado a primeira escola de pensamento na psicologia (Bock, Teixeira; Furtado, 2019). Wundt acreditava que a consciência poderia ser decomposta em elementos básicos, como sensações, imagens e sentimentos, e que esses elementos poderiam ser estudados por meio da introspecção controlada (Vilela; Ferreira; Portugal, 2005). Para tanto, os participantes eram treinados para observar e relatar suas próprias experiências conscientes em resposta a estímulos específicos. O objetivo era identificar as

estruturas fundamentais da consciência e entender como eles se combinavam para formar experiências conscientes mais complexas (Bock, Teixeira; Furtado, 2019).

Inicialmente, Wundt utilizou o método experimental para investigar os processos da consciência, determinados por fatores ambientais e condições fisiológicas, uma vez que a psicologia, em seus primórdios, baseava-se em métodos experimentais aplicados a situações controladas em laboratório e nas experiências imediatas dos sujeitos (Vilela; Ferreira; Portugal, 2005). Contudo, há que se considerar que Wundt também discorreu sobre os fenômenos culturais, como linguagem, sistemas religiosos e mitos, utilizando métodos comparativos da antropologia e da filologia para investigar processos de síntese (Figueiredo; Santi, 2008).

Considera-se que Wundt estabeleceu as bases para duas vertentes distintas da psicologia: a psicologia experimental e a psicologia dos povos. A psicologia experimental estava associada ao conceito alemão de *Naturwissenschaft* (ciência natural), enquanto a psicologia dos povos se fundamentava na *Geisteswissenschaft* (ciência do espírito) (Itaqui; Carlotto, S/D). Essa dicotomia resultou em duas abordagens psicológicas com objetos de estudo e métodos de análise diferenciados (Farr, 2012).

A psicologia experimental utilizava a introspecção como método de análise em laboratório, visando investigar comportamentos específicos do indivíduo e a dinâmica da consciência (Vilela; Ferreira; Portugal, 2005). Por outro lado, a psicologia dos povos se baseava na análise de manifestações culturais, como religiões, mitos e produtos culturais em geral (Farr, 2012). Wundt acreditava que os processos mais profundos da psique humana e suas produções culturais resultantes não poderiam ser adequadamente examinados apenas por meio de métodos experimentais (Itaqui; Carlotto, S/D). Portanto, ele reconheceu a necessidade de abordagens distintas para compreender os diferentes aspectos da experiência humana e suas manifestações individuais e coletivas.

Esta posição de Wundt em relação aos fenômenos psicológicos complexos não era compatível da a noção de ciência positivista da época. Os psicólogos que se empenhavam em estabelecer a psicologia como uma ciência institucionalizada não aceitavam a ideia de que havia aspectos da constituição humana que não poderiam ser estudados por meio de indivíduos ou experimentos laboratoriais (Gama; Andrade; Mizoguchi2019). Essa rejeição à perspectiva de Wundt, que defendia a

existência de uma psicologia dos povos, foi denominada por Danziger (1979) como o "*repúdio positivista de Wundt*". Esse repúdio foi manifestado pela nova geração de psicólogos experimentais, muitos dos quais haviam sido treinados pelo próprio Wundt (Gama; Andrade, 2019). Embora o estruturalismo de Wundt tenha sido a primeira tentativa sistemática de estudar a mente de maneira científica, suas limitações, como a dependência da introspecção e a dificuldade em estudar processos mentais mais complexos, levaram ao surgimento de outras escolas de pensamento na psicologia (Gama; Andrade, 2019).

O **funcionalismo** surgiu como escola de pensamento em contraste com o estruturalismo proposto por Wilhelm Wundt (Farr, 2012). Enquanto o estruturalismo se concentrava na análise dos elementos básicos da consciência, o funcionalismo buscava compreender como a mente funcionava e se adaptava ao ambiente (Bock, Teixeira; Furtado, 2019). Defensores do funcionalismo, como William James e John Dewey, argumentavam que a mente não era apenas um conjunto de elementos estáticos, mas um processo dinâmico que nos ajuda a nos adaptar ao mundo. Eles enfatizavam a importância do comportamento e da ação na experiência consciente, e buscavam entender como os processos mentais ajudavam na resolução de problemas e na adaptação às adversidades (Bock, Teixeira; Furtado, 2019).

Em razão de uma perspectiva de ciência da época, baseada em pressupostos do positivismo, as escolas psicológicas que se concentravam no estudo da consciência sofreram diversas críticas. Um dos principais argumentos contra o estudo da consciência era a falta de objetividade e a dificuldade em estabelecer métodos científicos rigorosos para investigá-la. Os críticos argumentavam que a introspecção, método amplamente utilizado pelos estruturalistas e funcionalistas, era subjetiva e não confiável, pois dependia da capacidade do indivíduo de observar e relatar seus próprios processos mentais (Farr, 2012). Além disso, a introspecção não permitia a verificação independente dos resultados, o que dificultava a replicação dos estudos e a construção de um corpo sólido de conhecimentos científicos (Bock, Teixeira; Furtado, 2019).

Outro argumento contrário era a ênfase excessiva no indivíduo e a negligência dos estímulos e variáveis ambientais que influenciam o comportamento humano. Outros argumentos consideravam que o estudo da consciência individual não era suficiente para compreender a complexidade do comportamento humano e que era necessário considerar o papel do ambiente e das interações sociais (Farr,

2012). Tais discussões contribuíram para a transição do funcionalismo para o **associacionismo**, que posteriormente deu lugar ao **behaviorismo** (Bock, Teixeira; Furtado, 2019).

O associacionismo surgiu como uma alternativa ao estudo da consciência, enfatizando a importância das associações entre estímulos e respostas na aprendizagem e no comportamento (Bock, Teixeira; Furtado, 2019). O associacionismo, influenciado por pensadores como Ivan Pavlov e Edward Thorndike, abriu caminho para o desenvolvimento do behaviorismo, que se tornou a escola dominante na psicologia durante a primeira metade do século XX. O behaviorismo, liderado por John B. Watson e B. F. Skinner, rejeitou o estudo da consciência e se concentrou exclusivamente no comportamento observável, buscando estabelecer leis gerais do comportamento com base em princípios de aprendizagem e condicionamento (Bock; Teixeira; Furtado, 2019).

Essa mudança de foco do estudo da consciência para o comportamento observável contribuiu para uma visão reducionista do ser humano por um longo período histórico da psicologia como ciência (Farr, 2012), sobretudo por desconsiderar aspectos como subjetividade, sentido da existência e a angústia. Ao discorrer sobre o desenvolvimento da psicologia como ciência moderna, Gonzalez Rey (2012), em seu livro "O Social na Psicologia e a Psicologia Social", afirmou que o mesmo século que testemunhou o surgimento da psicologia como uma disciplina científica dedicada ao estudo da psique humana também foi o século em que essa mesma ciência negou a dimensão subjetiva.

Esta aparente contradição pode ser compreendida no contexto histórico do desenvolvimento da psicologia (Farr, 2012). No final do século XIX e início do século XX, a psicologia emergiu como uma ciência distinta, buscando se estabelecer como uma disciplina objetiva e científica, seguindo os modelos das ciências naturais (Farr, 2012). Nesse processo, houve uma tendência a adotar métodos e abordagens que enfatizavam a objetividade e a quantificação, em detrimento da investigação dos aspectos subjetivos da experiência humana. Essa ênfase na objetividade levou a uma marginalização da dimensão subjetiva na psicologia (Gonzalez Rey, 2012).

Abordagens como o behaviorismo, que se concentravam no estudo do comportamento observável e mensurável, ganharam proeminência, enquanto a investigação dos processos mentais internos e da experiência subjetiva foi relegada a um segundo plano (Farr, 2012). A busca por leis gerais do comportamento e a

ênfase na predição e controle do comportamento humano tornaram-se os principais objetivos da psicologia científica. No entanto, Gonzalez Rey (2012) argumentou que essa negação da dimensão subjetiva na psicologia teve consequências significativas para a compreensão do ser humano em sua totalidade. Ao desconsiderar a subjetividade, a psicologia limitou sua capacidade de apreender a complexidade da experiência humana e de compreender o papel dos significados e das emoções na constituição do indivíduo e na sua relação com o mundo social (Bock, Teixeira; Furtado, 2019).

Gonzalez Rey (2012) defendeu a necessidade de resgatar a dimensão subjetiva na psicologia, reconhecendo sua importância para uma compreensão mais abrangente e aprofundada do ser humano. Ele propôs uma abordagem que integre a subjetividade como um aspecto fundamental da investigação psicológica, levando em consideração a singularidade dos indivíduos, seus processos de significação e a complexidade das relações sociais nas quais estão inseridos (Gonzalez Rey, 2012). A negação da dimensão subjetiva na psicologia do século XX evidenciou a necessidade de uma reflexão crítica sobre os fundamentos epistemológicos e metodológicos da disciplina.

O surgimento da Logoterapia, desenvolvida por Viktor Frankl, pode ser compreendido como uma resposta à necessidade de resgatar a dimensão subjetiva do sujeito, que não se limitava à comportamentos observáveis. Frankl (2019) propôs uma abordagem que enfatizava a busca de sentido na vida como um aspecto fundamental da existência humana, o que contrastava com abordagens deterministas e reducionistas predominantes na psicologia da época, contribuindo para o resgate da subjetividade e para uma visão mais humanista do ser humano. Sua abordagem enfatizava a singularidade de cada indivíduo e a importância de compreender suas experiências subjetivas, seus valores e suas escolhas pessoais (Frankl, 2019), conforme será apontado no tópico a seguir.

3 LOGOTERAPIA E O FENÔMENO DA ANGÚSTIA

3.1 Um breve resumo da biografia de Viktor Frankl (1905-1997)

Viktor Emil Frankl (1905-1997) foi um médico psiquiatra, neurologista e filósofo austríaco, conhecido por ser o fundador da Logoterapia e Análise Existencial. Nascido em Viena, Frankl demonstrou desde cedo um interesse pela medicina e pela busca do sentido da vida. Aos quatro anos, já havia adquirido consciência sobre a finitude do ser humano, questionando o significado da morte (Aquino, 2013). Frankl cresceu em um lar afetuosos, onde o amor e a fé foram cultivados, traços que mais tarde influenciariam o desenvolvimento da Logoterapia.

Desde criança já demonstrava o desejo de tornar-se médico e manifestava também que sua conduta nesta profissão seria diferente, pretendia não recorrer em demasia a medicamentos. A trajetória da família e de Frankl, obviamente, começou a sofrer fortes e intoleráveis marcas por ocasião da Primeira Guerra Mundial. A família passou por graves dificuldades econômicas a ponto de enfrentar a fome e o desespero da imprevisibilidade de determinados acontecimentos (Barros; Rodrigues, 2009, p.15,16).

Durante sua adolescência, Frankl interessou-se pela psicanálise, realizando seu primeiro escrito já em 1921, aos 16 anos. Passou a ter publicação de seus escritos na seção juvenil de um diário local e a corresponder-se com o próprio Sigmund Freud, que conheceu em 1925, apesar de viverem na mesma cidade. No entanto, Frankl seguiu a carreira psicanalítica fundada por Alfred Adler, interessando-se mais pela medicina psicossomática.

Como estudante de medicina, Frankl fundou postos de aconselhamento para jovens em 1928 e 1929, visando reduzir os altos índices de suicídio na Europa Central (Aquino, 2013). Durante esse período, questionou a visão organicista predominante, que reduzia a vida a processos químicos e orgânicos, indagando sobre o sentido da existência humana (Xausa, 2013). Frankl percebeu que os jovens que retornavam da Primeira Guerra Mundial estavam traumatizados pela destruição vivenciada e necessitavam encontrar um novo sentido para suas vidas (Barros; Rodrigues, 2009).

A maioria dos prisioneiros é atormentada compreensivelmente por um sentimento de inferioridade. Cada um de nós foi um dia "alguém" ou ao menos acreditava ter sido alguém. Agora, porém, aqui, ele é literalmente tratado de tal modo como se não fosse ninguém (Frankl, 2014, p.203).

Em 1938, a Áustria foi invadida pelos nazistas, iniciando uma perseguição aos judeus. Apesar do perigo iminente, Frankl decidiu ficar com seus pais. Em 1942, casou-se e, no mesmo ano, foi encaminhado para um campo de concentração com seus familiares. Durante sua experiência como prisioneiro em quatro campos de concentração nazistas - Theresienstadt, Auschwitz, Kaufering e Türkheim -, Frankl constatou a importância da busca de significado para a sobrevivência humana (Aquino, 2013). Nos campos, observou três fases distintas vivenciadas pelos prisioneiros: o choque inicial, o terror ao tomarem consciência de onde estavam e a perda da sensibilidade e da compaixão (Aquino, 2013).

Frankl enfrentou o sofrimento e reafirmou o sentido da vida, mesmo diante das condições desumanas impostas aos prisioneiros. Essas experiências contribuíram para o amadurecimento das convicções filosófico-psicológicas de Frankl, confirmando sua tese de que o ser humano necessita de um significado para viver (Barros; Rodrigues, 2009). Ele concluiu que, mesmo nas circunstâncias mais adversas, o indivíduo possui a liberdade de escolher sua atitude perante a vida e de buscar um sentido para sua existência (Neto, 2021).

Com sua libertação em 1946, Frankl tornou-se diretor do hospital Policlínico Neurológico de Viena. Escreveu o livro "Um psicólogo no campo de concentração" a partir da memória e de poucos escritos que havia salvado, sendo traduzido em inúmeras línguas e vendendo mais de 9 milhões de exemplares até sua morte. Em 1947, casou-se por segunda vez com Eleonore Schwindt e, no ano seguinte, obteve seu doutorado com a tese "O Deus inconsciente".

Frankl faleceu em 02 de setembro de 1997, de uma parada cardíaca, em Viena, aos 92 anos, deixando como legado seu testemunho de vida e seus estudos da Logoterapia, que trata-se de uma terapia centrada no sentido, defendendo que a busca de um sentido para a vida é uma motivação primária para qualquer ser humano, sendo o fato gerador das frustrações os falsos conceitos de valor. Na base da vida psíquica, segundo Frankl, existe a vontade de significado, o desejo. Assim, considera-se que a Logoterapia, desenvolvida por Frankl, enfatiza a busca de sentido como uma força motriz fundamental (Aquino, 2013).

3.2 A Logoterapia e a busca por um sentido

A Logoterapia é uma abordagem psicoterapêutica que se fundamenta na busca do sentido da vida como força motriz primária do ser humano. Para Frankl (2019), os seres humanos buscam constantemente um significado para a existência, e a frustração dessa busca pode levar ao que ele chamou de "vazio existencial". Trata-se de uma perspectiva teórica que difere da visão de Freud, que enfatizava a vontade de prazer, e de Adler, que destacava a vontade de poder.

De acordo com Xausa (2013), a vida de Frankl pode ser dividida em quatro momentos. O primeiro momento foi marcado por sua atuação como um profissional idealista e psiquiatra atento à busca de um sentido que trouxesse respostas sobre o ser humano. Em seguida, houve a fase de reflexão sobre a existência, durante a qual Frankl esteve despido no campo de concentração, não mais como psiquiatra, mas como prisioneiro. Nesse período, ele aprendeu sobre o sofrimento humano através de seu próprio sofrimento, o que foi chamado de momento pático (Xausa, 2013).

A vivência no campo de concentração foi marcada, além de tudo, pela falta de um prazo final. Frankl (2014) evidenciou que, sem ter um ponto fixo em direção ao futuro, o ser humano não consegue propriamente existir. A partir do momento em que a pessoa não vê mais o fim de algo provisório em sua vida, não é possível estabelecer meta alguma para ela. Na perspectiva de Frankl (1989), é o olhar para o fim que representa o apoio espiritual do qual o prisioneiro no campo de concentração precisaria.

Durante o período que nos campos de concentração, Frankl observou que os prisioneiros focados em realizações futuras tinham maior probabilidade de sobreviver em comparação aos que não possuíam sentido em relação ao futuro (Aquino, 2013). De certo modo, Frankl considerou que a consciência de um sentido para a vida contribuiu para a sobrevivência. Dito de outro modo, a sobrevivência dependia da capacidade de orientar a própria vida em direção a um "para que coisa" ou um "para quem". Em outros termos, a existência estava relacionada com a capacidade de transcender o próprio eu, conceito introduzido por Frankl na logoterapia desde 1949 (Aquino, 2013).

A teoria de Frankl se baseia em três conceitos fundamentais: a liberdade da vontade, a vontade de sentido e o sentido da vida. A liberdade da vontade refere-se à capacidade humana de escolher sua atitude perante as circunstâncias da vida, mesmo em situações extremas como as vivenciadas por ele nos campos de

concentração nazistas. Essa liberdade permite ao homem transcender as condições adversas e encontrar um sentido para sua existência (Frankl, 2019).

A vontade de sentido, por sua vez, é a busca primordial do ser humano por um significado e propósito para sua vida. Frankl (2018) argumenta que os seres humanos não são simplesmente impulsionados por instintos ou condicionados por estímulos, mas são orientados para algo além deles mesmos. Quando essa vontade de sentido é frustrada, pode surgir o vazio existencial, caracterizado por um sentimento de falta de propósito e de questionamento sobre o valor da vida (Aquino, 2013).

O terceiro conceito é o sentido da vida que, segundo Frankl (2018), não é algo abstrato ou universal, mas algo único e específico para cada indivíduo em cada momento. O sentido pode ser encontrado através da realização de valores, que podem ser classificados em três categorias: valores criativos (o que o homem dá ao mundo através de suas criações e ações), valores vivenciais (o que o homem recebe do mundo através de suas experiências e encontros) e valores atitudinais (a postura que o homem adota diante de situações imutáveis, como o sofrimento inevitável) (Aquino, 2013).

Frankl (2019) enfatiza que o ser humano não deve perguntar qual o sentido da vida, mas reconhecer que é ele quem é interrogado pela vida. Diante das perguntas que a vida lhe apresenta, é o sujeito que é responsável por responder, assumindo a responsabilidade por sua existência. Essa responsabilidade implica em fazer escolhas autênticas e comprometer-se com os valores e sentidos descobertos (Silva, 2019).

A busca de sentido, na perspectiva da Logoterapia, não é apenas uma questão psicológica, mas uma necessidade existencial fundamental. Frankl (2018) argumenta que a autotranscendência, a capacidade de voltar-se para algo ou alguém além de si mesmo, é uma característica essencial do ser humano. Quando ser humano se dedica a uma causa maior que si mesmo ou se entrega ao amor por outra pessoa, ele transcende suas próprias limitações e encontra um sentido que o preenche. Frankl (2019) também destaca a importância da consciência na busca de sentido. A consciência é entendida como um órgão de sentido, capaz de intuir o sentido único e irrepetível de cada situação.

A Logoterapia, como abordagem terapêutica, busca auxiliar o indivíduo a encontrar o sentido de sua existência, mesmo diante do sofrimento e das

adversidades. Frankl (2018) propõe técnicas como a intenção paradoxal, a derreflexão e o diálogo socrático para ajudar o paciente a superar o vazio existencial e a angústia, direcionando sua atenção para os sentidos e valores latentes em sua vida. Nessa direção, Xausa (2013) destaca que a análise existencial humana percebida por Frankl partiu de reflexões sobre a vida, sobretudo de um homem jogado em circunstâncias difíceis da existência. Se por um lado sentido da vida, ideia central na psicoterapia frankliana, fundamenta-se no caráter irreversível da existência humana, por outro, a finitude aparece em Frankl como algo que também dá sentido (Xausa, 2013).

Em suma, a Logoterapia de Viktor Frankl coloca a busca de sentido como o fundamento da existência humana. Através da liberdade da vontade, da vontade de sentido e da realização de valores, o homem pode encontrar um significado para sua vida, mesmo diante do sofrimento inevitável (Xausa, 2013). A autotranscendência e a responsabilidade são elementos-chave nesse processo, permitindo ao indivíduo ir além de si mesmo e assumir o compromisso com os sentidos descobertos. A Logoterapia oferece um caminho para o encontro do sentido da vida, reconhecendo a dimensão espiritual do ser humano e sua capacidade de superação existencial (Silva, 2019).

3.3 O vazio existencial e sua relação com a angústia na Logoterapia

Qual o propósito da vida? Qual o sentido da existência humana? Tais questionamentos, longe de ser patológico, reflete uma necessidade intrínseca dos sujeitos na busca por dar sentido para a existência humana (Frankl, 1989). Quando essa busca falha, o indivíduo enfrenta o que a Logoterapia chama de **vazio existencial**, que resulta da frustração em encontrar razões satisfatórias para a vida.

A angústia existencial tem sido objeto de estudo na literatura, especialmente sob a perspectiva da Logoterapia, que a considera uma característica inerente à condição humana (Carvalho, 1993). Segundo essa abordagem, o ser humano se depara com diversos momentos desafiadores ao longo da vida, como a insegurança, a depressão e, principalmente, a morte, que estaria na base de todo sofrimento mais profundo (Oliveira, 2018).

Diante de tais situações, surge o desejo de compreender as causas de tanto sofrimento e encontrar respostas adequadas para superá-lo. No entanto, muitas pessoas não sabem identificar claramente o sentimento que as acomete nesses momentos (Souza, 2011). Esse quadro trazido pelo vazio repercute na existência, gerando o que Viktor Frankl chamou de neurose de angústia (Silva, 2011).

A neurose de angústia, segundo Frankl (1989), ou neurose de ansiedade, conforme Lukas (1989), caracteriza-se por um ciclo vicioso de sintoma, temor e sintoma. Quando um indivíduo passa por um evento traumático, desenvolve o medo de reviver essa experiência, o que gera angústia e ansiedade (Lukas, 1989). Essa condição é denominada angústia antecipatória, que ocorre quando a pessoa antecipa a ansiedade ao imaginar a possibilidade de enfrentar novamente situações ansiogênicas ou traumáticas (Frankl, 1991).

Uma vez que a neurose de angústia se instala, o indivíduo passa a sentir-se cada vez mais inseguro em relação a si mesmo e ao mundo ao seu redor, o que intensifica a angústia antecipatória (Silva, 2011). De acordo com Frankl (1989), a angústia gera o sintoma (o medo da repetição do evento traumático), e o sintoma alimenta a angústia, caracterizando-a como neurótica devido à sua natureza circular. Em outras palavras, o neurótico angustiado teme o próprio temor (Frankl, 1990). Esse estado de angústia leva o indivíduo a uma constante e intensa auto-observação, o que gera sofrimento psíquico, já que a angústia possui um caráter existencial (Silva, 2011).

A angústia existencial está intimamente relacionada ao vazio existencial, embora este último seja um fenômeno muito mais amplo na perspectiva da Logoterapia (Carvalho, 1993). Frankl (1989) considera que o vazio existencial pode se manifestar de diversas formas, sendo a angústia uma delas. Outras manifestações de vazio existencial incluem a sensação de falta de sentido na vida, o tédio, a apatia e a depressão. Quando o indivíduo não consegue identificar um sentido que torne sua existência singular por meio de seus próprios valores, ele vivencia o que a logoterapia descreve como um vazio existencial, resultante da frustração existencial (Oliveira, 2018).

No contexto da Logoterapia, O vazio existencial é caracterizado pelo sentimento de falta de sentido ou significado na vida, enquanto a frustração existencial ocorre quando não se consegue ver uma razão satisfatória para a existência humana. No entanto, o vazio também tem aspectos positivos, pois pode

ser visto como uma defesa contra a desumanização, sendo uma reação do espírito humano e um grito de alerta (Carvalho, 1993).

Frequentemente, quando confrontado com esse vazio, o indivíduo se sente perdido e questiona o sentido da vida, percebendo-o como um obstáculo intransponível (Souza, 2011). A angústia, embora contribua para a ocorrência de sentimentos de tristeza ou desprazer, faz parte do ser humano de forma ontológica, ou seja, caracteriza-se enquanto um sentimento que faz parte da própria existência e experiência humana (Gomes, 1987).

O vazio existencial, enquanto fenômeno sociogênico, pode ser observado na sociedade contemporânea (Oliveira, 2018). Embora os estudos realizados não tenham a intenção de culpabilizar a sociedade como responsáveis pela perda de sentido de vida, considera-se que as mudanças oriundas do desenvolvimento social acabaram por propiciar o aparecimento de formas explícitas e mascaradas de vazio existencial (Santos, 2012). Nesse cenário, muitas pessoas parecem não saber o que quer e nem o que desejam fazer, abdicando, de certa forma, de uma liberdade individual e adotando atitudes fatalistas e totalitaristas (Oliveira, 2018). A partir da perda da busca de sentido, pode emergir a frustração e o vazio existencial, que afetam o ser em todos os seus contextos.

4 A ANGÚSTIA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA À LUZ DA LOGOTERAPIA

A palavra "angústia" tem suas origens no verbo latino "angere", que traz o sentido de apertar ou comprimir (Neto; Vieira, 2023). De acordo com o Dicionário Aurélio, "angústia" deriva do latim e é definida de várias maneiras. Primeiramente, refere-se a uma sensação de estreiteza, limitação ou restrição, como em "angústia de espaço" ou "angústia de tempo". Em segundo lugar, a angústia é descrita como uma forma intensa de ansiedade ou aflição, manifestando-se como ânsia ou agonia. Outros conceitos a definem como sofrimento, tormento ou tribulação (Bruck, 2007). Esses múltiplos significados refletem a profundidade e a complexidade do conceito de angústia, que abrange tanto aspectos físicos quanto emocionais.

Em contextos de vivências de angústia, quando questionadas sobre o que estão sentindo, as pessoas frequentemente respondem de maneira automática: "não é nada" ou "já vai passar". Essa resposta reflete uma dificuldade em identificar o que gera tal sentimento de angústia (Werle, 2003, p. 107).

A angústia é um estado emocional complexo que frequentemente envolve conflitos internos e uma luta para satisfazer necessidades não resolvidas. Caracteriza-se por ser uma emoção desagradável, muitas vezes acompanhada por uma sensação de sufocamento ou mal-estar físico, especialmente no tórax (Bruck, 2007). Em muitos casos, o indivíduo se surpreende ao sentir uma pressão intensa, sem conseguir identificar ou nomear a causa específica que desencadeou tal sofrimento.

No âmbito da saúde mental, a angústia é frequentemente vista como um sintoma que permeia muitos transtornos psiquiátricos (Souza Filho, 2016). Quando considerada como um sintoma, a angústia é classificada dentro das categorias psiquiátricas como um aspecto negativo e disfuncional da experiência humana. Na contemporaneidade, os manuais de classificação de doenças, amplamente utilizados na prática clínica, categorizam diversos fenômenos humanos como patologias quando estes resultam em sofrimento significativo nas esferas social, pessoal e/ou profissional (Souza Filho, 2016). Além disso, trata-se de um fenômeno que é visto como uma experiência emocional negativa e disfuncional, ou seja, a angústia é considerada um fator limitante da produtividade no trabalho e um obstáculo à formação e manutenção de relacionamentos interpessoais saudáveis (Dantas, 2011).

Diante desta perspectiva medicalizante, observa-se que parte da ciência psicológica busca promover a "cura" da angústia através de diferentes abordagens terapêuticas, tanto farmacológicas quanto comportamentais, reforçando a noção da angústia como um mal a ser tratado e eliminado do repertório comportamental do indivíduo, visando assim promover a felicidade e o bem-estar (Barbosa; Camporezi; Tonetto, 2017). No entanto, alguns estudiosos, como Angerami (2000), argumentam que a angústia não deve ser vista apenas como um sentimento negativo.

A angústia é uma experiência essencial, intrínseca à condição humana, que surge à medida que o indivíduo toma consciência de sua existência e de suas limitações (Angerami, 2000). Essa perspectiva sugere que, ao invés de simplesmente ser eliminada, a angústia deve ser compreendida como uma parte integrante do processo de autoconhecimento e desenvolvimento pessoal.

A existência humana está repleta de desafios que frequentemente resultam em sofrimento. Cada indivíduo enfrenta essas adversidades de maneiras diversas, algumas superando as dificuldades, outras sendo subjugadas por elas. Nessa direção, compreende-se que angústia é uma condição intrínseca ao ser, mas sua manifestação está profundamente ligada ao contexto vivido (Barbosa; Camporezi; Tonetto, 2017).

Na sociedade contemporânea, nota-se uma marca distintiva na forma como a exploração e o controle social são exercidos sobre os indivíduos (Souza Filho, 2016). Esta imposição de uma ordem social pré-estabelecida influencia profundamente as formas de adoecimento psíquico, o que pode ser observado pela crescente exigência social por produtividade, concomitante a uma demanda incessante por um estado de felicidade plena (Azevedo; Pereira, 2017). Essa dualidade impõe ao sujeito uma tensão entre sua subjetividade individual e as demandas sociais, gerando uma ambivalência psíquica que pode culminar em angústia.

A desorganização que caracteriza a contemporaneidade frequentemente resulta em uma falta de acolhimento, exacerbando essa sensação de inquietude existencial. De certo modo, descrever a natureza fundamental dessa inquietude e compreender o mal-estar que permeia a sociedade ainda se apresenta como desafio significativo para a Psicologia.

A inserção de Viktor Frankl no campo da psicologia é amplamente reconhecida por suas profundas reflexões sobre os contextos de vida dos indivíduos

(Bock, 2019). Frankl parte do pressuposto de que cada pessoa possui uma singularidade dentro da multiplicidade de experiências e realidades, sendo crucial que ela se engaje de forma significativa na sociedade a que pertence. Nesse sentido, a Logoterapia se propõe a entender a ontologia humana em um mundo que acolhe e valoriza o indivíduo em sua totalidade (Barros; Rodrigues, 2009).

A análise existencial, proposta por Frankl, vai além de uma técnica psicoterápica. Ela incorpora procedimentos éticos com o objetivo de promover a reumanização da psicoterapia. Silva (2019) destaca que essa abordagem busca recuperar características antropológicas da tradição humanista, afirmando a importância de compreender o ser humano em sua plenitude. A Logoterapia, portanto, enfoca a unidade do indivíduo e sua necessidade de se engajar ativamente na sociedade. Simultaneamente, essa abordagem reconhece o vazio existencial como um sintoma prevalente na contemporaneidade, decorrente das inúmeras demandas e escolhas que dificultam a identificação da genuína vontade de sentido (Silva, 2019).

As demandas incessantes da vida moderna, incluindo pressões de consumo e escolhas constantes, muitas vezes impedem os indivíduos de discernir qual propósito deve prevalecer em suas vidas. Nesse contexto, Frankl (2018) destaca que o vazio existencial tornou-se um sintoma predominante na atualidade, manifestando-se como uma "neurose de massa" que aflige a sociedade moderna.

O sujeito contemporâneo não apenas experimenta sofrimentos e angústias em nível individual, mas esses sentimentos também se estendem às coletividades. O vazio existencial, portanto, está intrinsecamente ligado a fatores sociais, econômicos e históricos, como o sistema de produção capitalista e as condições de vida prevalentes. Embora o sofrimento seja inerente à condição humana, a angústia decorrente dessa falta de sentido muitas vezes provoca um sentimento de impotência em relação ao futuro (Barbosa; Camporezi; Tonetto, 2017; Dantas, 2011).

Numa perspectiva existencialista, a angústia pode ser compreendida no contexto da construção existencial de ser-no-mundo, conforme proposto por Heidegger (Azevedo; Pereira, 2017). Segundo Heidegger, o conceito de "nada" se manifesta na angústia, revelando-se de forma intrínseca sem necessidade de ser criado. Na angústia, o "nada" é simultaneamente a causa e o efeito, expondo a essência paradoxal dessa experiência emocional (Werle, 2003).

A sociedade de consumo promove a ideia de que a felicidade pode ser facilmente adquirida, transformando-a em um objeto de consumo (Bauman, 2014). No entanto, essa busca por satisfação efêmera apenas desloca temporariamente a sensação de vazio existencial, sem proporcionar uma verdadeira solução. O desejo de felicidade permanente utópico, dada a natureza finita da vida humana. Nesse contexto, a constante busca por contentamento através de bens materiais e prazeres passageiros reflete a tentativa de evitar o enfrentamento do vazio existencial, substituindo o sentido da vida por satisfações imediatas que oferecem apenas uma ilusão de completude (Aguiar; Andrade, 2022).

Esta neurose de massa, característica dos tempos atuais, deve ser vista como um alerta para a urgente necessidade de reflexão sobre a responsabilidade que cada indivíduo possui em relação à sua própria vida. É essencial que cada pessoa se conscientize sobre sua "vontade de sentido" — um conceito central na Logoterapia de Frankl — para reconhecer as frustrações que resultam em vazio existencial. Somente assim, será possível identificar propósitos de vida fundamentados em aspirações existenciais genuínas (Neto, 2021). Portanto, é crucial reconhecer que o verdadeiro sentido da vida não pode ser inventado ou substituído por algo temporário, mas deve ser cultivado e criado diariamente.

Frankl (2018) considera que essa experiência de dor frequentemente decorre da falta de um sentido profundo na existência do indivíduo. Entretanto, encontrar um propósito na vida não exige necessariamente que se passe por adversidades (Aguiar; Andrade, 2022). O sofrimento, segundo Frankl, pode servir como um catalisador para a busca de significado na existência humana. Ele afirma que a palavra "existencial" refere-se à própria essência da existência, à procura de um propósito concreto e à vontade de encontrar sentido na vida pessoal (Frankl, 2018). Portanto, a angústia que acompanha o sofrimento reflete a complexa relação entre o indivíduo e o seu sentido de vida (Aguiar; Andrade, 2022). A Logoterapia lança luz sobre essas questões (Lukas, 1992), tendo em vista auxiliar os sujeitos a reconhecer e lidar com a angústia existencial, compreendendo-a como parte integrante da condição humana e buscando encontrar sentido e propósito na vida, mesmo diante do sofrimento.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo discorrer sobre o fenômeno da angústia na contemporaneidade à luz da Logoterapia. A partir de revisão narrativa da literatura, foi possível identificar que a Logoterapia, desenvolvida por Viktor Frankl, oferece subsídios que possibilitam a compreensão sobre o fenômeno na contemporaneidade, com destaque para a busca por sentido como um elemento central na experiência humana.

De modo geral, verificou-se que a angústia é um fenômeno intrínseco à condição humana, fortemente influenciado pelo contexto histórico e social. A desorganização e a falta de acolhimento característica da contemporaneidade colaboram para uma espécie de angústia em massa. Ademais, a sociedade moderna, marcada por pressões sociais e econômicas, frequentemente exacerba o sentimento de vazio existencial. A constante busca por felicidade e sucesso material pode desviar os indivíduos de uma busca mais profunda por sentido, resultando em angústia e desespero.

A literatura apontou que a angústia, embora frequentemente vista como um estado emocional negativo e um sintoma disfuncional associado a diversos transtornos psiquiátricos, possui um papel essencial na condição humana. Enquanto a perspectiva medicalizante tende a tratar a angústia como um mal a ser eliminado para promover a felicidade e o bem-estar, alguns teóricos pautados na perspectiva existencialista consideram que a angústia deve ser compreendida como uma parte integrante e inevitável do processo de autoconhecimento e desenvolvimento pessoal. Nessa direção, ao invés de simplesmente erradicar a angústia, é necessário reconhecer sua importância no entendimento das limitações e potencialidades humanas.

Logoterapia oferece uma abordagem terapêutica que valoriza a capacidade humana de encontrar significado, mesmo diante do sofrimento e das adversidades. Técnicas como a intenção paradoxal, a derreflexão e o diálogo socrático são utilizadas para ajudar os pacientes a superar o vazio existencial e a direcionar sua atenção para os sentidos e valores latentes em suas vidas.

Ressalta-se que este estudo apresentou algumas limitações. Entre as limitações, destaca-se o caráter narrativo da revisão bibliográfica, que, embora permita uma exploração ampla do tema, não possibilita uma análise empírica. Além

disso, a seleção de fontes pode ter sido influenciada por vieses de disponibilidade e acessibilidade, o que pode limitar a abrangência dos resultados.

Para estudos futuros, sugere-se a realização de pesquisas empíricas que investiguem a angústia sob a perspectiva da Logoterapia em diferentes contextos. Entre possibilidades de investigação, destaca-se a necessidade de pesquisa a relação entre fatores sociais, econômicos e marcadores como gênero e raça na experiência de angústia, utilizando abordagens metodológicas mistas que integrem dados qualitativos e quantitativos. Tais estudos podem contribuir para uma compreensão mais abrangente e aplicada da Logoterapia, ampliando seu arcabouço teórico e empírico na promoção da saúde mental.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, M.; ANDRADE, A. M. M. Vazio existencial e sofrimento psíquico na vida contemporânea: a busca de sentido. **Cadernos De Psicologia**, v.3, n.5, 2022.
- ANGERAMI-CAMON, A. V. Angústia e psicoterapia. **São Paulo: Casa do Psicólogo**, 2000.
- AQUINO, T. A. A. **Logoterapia e análise existencial: uma introdução ao pensamento de Viktor Frankl**. São Paulo: Paulus, 2013.
- AZEVEDO, J. M; PEREIRA, M. B. **Depressão e angústia: modos de expressão na contemporaneidade**. Revista da graduação em psicologia da PUYC em Minas. v. 2, n.3, jan./jun. 2017.
- BARROS, L.A; RODRIGUES, L.A. logoterapia: viktor emil frankl e sua contribuição à psicologia. Gôiania, estudos, 2009.
- BAUMAN, Zygmund. Universidade do consumo: o novo senso de insignificância e a perda de critérios. In: BAUMAN, Zygmunt; DONSKIS, Leônidas. **Cegueira Moral: a perda da sensibilidade na modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. p. 158-200
- BEZERRA, M. E. S.; BEZERRA, E. N. Aspectos humanistas, existenciais e fenomenológicos presentes na abordagem centrada na pessoa. **Rev. NUFEN**, v.4, n.2, p. 21-36, 2012.
- BOCK, A. M. B.; TEIXEIRA, M. L. T.; FURTADO, O **Psicologias**. Saraiva Educação SA, 2019.
- BRUCK, N. R. **A psicologia das emergências**. 2007. Tese (Doutorado em Psicologia) - PUCRS, Fac. de Psicologia. Porto Alegre.
- CALLIE, I. **The Anguish of Thought by Évelyne Grossman**. American Book Review, 2022.
- CAMPOREZI, M.; TONETTO, S.; BARBOSA, A. **Um diálogo com a angústia na contemporaneidade: reflexões e desafio**. São Paulo. Rev. Caminhos Unifadra v.2, n.1. p. 1-20. 2017 Set./Fev. Disponível em: https://www.fundec.edu.br/portal/revista_caminhos/artigos_v02/art005/pdf/artigo005.pdf Data de acesso 19/03/2024.
- CARVALHO, J. M. R. **O vazio existencial e o sentido da vida**. Informação Psiquiátrica, v. 12, n. 3, p. 111-115, 1993.
- CARVALHO, J. M.; SILVA, A. C. Viktor Frankl e o Humanismo. **Revista Humanidades & Educação**, v.1, n.1, p. 74–87, 2019.
- DANTAS, J. B. **Angústia e existência na contemporaneidade**. Editora Rubio, 2011.

DANZIGER, K. The positivist repudiation of Wundt. **Journal of the History of the Behavioral Sciences**, v. 15, n. 3, p. 205-230, 1979.

FARR, R. M. **As raízes da psicologia social moderna (1872-1954)**. 11. ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2012.

FEIJOO, A. M. L. C. A filosofia de Kierkegaard e a psicologia: possibilidades de aproximação. **Revista da Abordagem Gestáltica**, v. 19, n. 1, p. 85-94, 2013

FIGUEIREDO, L. C.; SANTI, P.L. **Psicologia Uma (nova) introdução**. São Paulo. EDUC - Editora da PUC-SP, 2008.

FILHO, J.; Resgatando e Angústia na Contemporaneidade. **Revista IGT na Rede**, v.13,nº24 , p. 173-177. 2016. Disponível em:
<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/igt/v13n24/v13n24a10.pdf> Acessado dia 23/03/2024

Frankl, V. E. (1989). **Psicoterapia e sentido da vida: fundamentos da Logoterapia e análise existencial**. São Paulo: Quadrante.

FRANKL, V. E. **A vontade de sentido: fundamentos e aplicações da logoterapia**. São Paulo: Paulus, 2019.

FRANKL, V. E. **Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração**. 40. ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2018.

FRANKL, V. E. **O sofrimento de uma vida sem sentido: caminhos para encontrar a razão de viver**. São Paulo: É Realizações, 2015.

FRANKL, V. E. **Logoterapia e Análise Existencial: Textos de Seis décadas**. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

FRANKL, V. E. **Um Sentido Para a Vida**. Aparecida -SP: Ideias & Letras, 2015.

FRANKL, V. E. **A psicoterapia na prática**. São Paulo: Papirus Editora, 1991.

FRANKL, V. E. **Psicoterapia para todos**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1990.

FREUD, S. Inibições, sintomas e ansiedade. In: _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 20. Trabalho original publicado em 1926.

GAMA, I.; ANDRADE, R.; MIZOGUCHI, D. H. Análise e criação de dispositivos: tarefas para uma Psicologia Social. **Revista Polis e Psique**, v. 9, n. 3, p. 26-42, 2019.

GOMES, J. C. V. **Logoterapia: a psicoterapia humanista de Viktor Emil Frankl**. São Paulo/ SP: Edições Loyola, 1987.

GONZÁLEZ REY, F. L. **O Social na Psicologia e a Psicologia Social**. Petrópolis: Vozes, 2012.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. Petrópolis: Vozes, 2005.

ITAQUI, L. G.; CARLOTTO, M. S. **Reflexões e contribuições do pensamento complexo à construção do conhecimento em psicologia social**. Acesso em 12 fevereiro, 2024. Disponível em: <https://anais.unicentro.br/cis/pdf/iiv2n1/394.pdf>

LOMBARDI, Gabriel. Tres formas de la angustia. **Revista Aùn**, v.3, n.5, p.27-36, 2011.

LUKAS, E. **Logoterapia: A força desafiadora do espírito. Métodos da logoterapia**. Santos: Ed. Leopoldianum, 1989.

LUKAS, E. **Prevenção psicológica: A prevenção de crises e a proteção do mundo interior do ponto de vista da Logoterapia**. Tradução de C. A. Pereira. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.

MASSAROLLO, L. S. Heidegger e Kierkegaard: Duas interpretações do fenômeno da angústia. In **STVDIVM (Anais)**, v.3, n.1, p.175, 2020.

NETO, A. **A vontade de sentido como condição existencial**. Ucsal, Salvador, p.1-18. 2021. Disponível em: <http://ri.ucsal.br:8080/jspui/bitstream/prefix/4594/1/TCCAN%C3%8DBALNETO.pdf> Data de acesso 19/03/2024.

NETO, F.L; VIEIRA, F.F.P. Um estudo sobre o conceito de angústia. **ID on line revista de psicologia**, v.17, n.67, p.113-126, 2023.

OLIVEIRA, L. C. de. **Elaboração e validação de um instrumento para identificação de vazio existencial em adultos**. 2018. 23f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia)- Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2018.

SANTOS, R. C. S. **Do Vacuius ao Logos: a logoterapia em resposta ao vazio da sociedade contemporânea**. 2012, 24p.

ROGERS, C. R. **Tornar-se pessoa**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1982. (Série Psicologia e Pedagogia).

ROTHER, E. T. Revisão sistemática X revisão narrativa. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 20, n. 2, p. v-vi, 2007.

SILVA, L. B. da. **Sobre consumo e consumismo: a consumação do vazio, o ter, a logoterapia e o ser**. 2011. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia). Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2011.

SILVA, E. F. G. A espiritualidade na perspectiva da logoterapia. **Interações**, v.14, n.25, p.118-135, 2019.

SOUZA FILHO, Jose Alves. Resgatando a Angústia na contemporaneidade. **IGT na Rede**, v.13, n.24, 2016.

SOUZA, A. G. “**Angústia Existencial: condição irrevogável do Ser? Notas sobre a angústia em Kierkegaard, Viktor Frankl, Comte-Sponville**”. Monografia de final de curso apresentada no Departamento de Psicologia da UEPB. Campina Grande, 2011.

VIEIRA, M. S.; FEIJOO, A. M. L. C.; PROTASIO, M. M. Angústia em Kierkegaard em Suas Diferentes Apropriações: Existencial-Humanista e Fenomenológico-Existencial. **Revista Subjetividades**, v.24, n.1, p.1-14, 2024.

VILELA, A.; FERREIRA, A.; PORTUGAL, F. **História da Psicologia: rumos e percursos**. Rio de Janeiro. Trarepa Ltda. 2005.

WERLE, M. **A angústia, o nada e a morte em heidegger**. 2003. Trans/form/ação, São Paulo. (26)1, p. (97-113). Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/trans/a/JLXMqcxLdXLsBdmwKwFbTHg/abstract/?lang=pt>

XAUSA, I. A. M. **A psicologia do sentido da vida**. 2. ed. Campinas: Vide Editorial, 2013.

YÉPEZ, M. **A interface psicologia social e saúde: perspectivas e desafios**. Psicologia em Estudo, Maringá v.6, n.2, p.49-56, jul/dez. 2001. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/pe/a/M6cCFyFcZFS6KkDTbVSSKrz/?format=pdf> Acesso em 19/03/2024.